

Escrita e experiência psíquica

simbolização, gradeamento e clínica

Kadichary Garcia Ivassaki

Kadichary Garcia Ivassaki é psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos, graduada em Psicologia e pós-graduada em Neuropsicologia. Pesquisa sobre temas relacionados à contemporaneidade e psicanálise vincular.

Resumo O artigo explora a escrita como experiência psíquica e dispositivo clínico, articulando-a à questão da simbolização e não simbolização. São exploradas três dimensões: a escrita como via de simbolização, como recurso de contenção diante do excesso – aqui pensada como “gradeamento da loucura” – e como objeto clínico.

Palavras-chave escrita; simbolização; psicanálise; dispositivo clínico; literatura.

DOI 10.70048/percurso.76.89-100

Introdução

A escrita constitui, desde os primórdios da cultura, um operador central da simbolização, permitindo ao sujeito transformar experiências em signos e dar forma ao que de outro modo permaneceria indizível. No campo da psicanálise, essa dimensão assume relevância específica: seja no percurso inaugural de Freud – em sua intensa produção epistolar e autoanálise –, seja na interlocução constante com a literatura, a escrita se apresenta como meio de elaboração e como dispositivo que acompanha a clínica.

O presente artigo tem como objetivo examinar a escrita em três eixos articulados: como expressão da simbolização, como recurso de contenção diante do excesso psíquico e como dispositivo clínico. Nesse caminho, mobilizaram-se referências teóricas quanto citações de autores como Lima Barreto, Maura Lopes Cançado, Alejandra Pizarnik e Arthur Bispo do Rosário, cujas obras revelam o papel da escrita na mediação entre experiência subjetiva e simbolização.

A relevância do estudo está em contribuir para o debate sobre simbolização e não simbolização, tema central da psicanálise contemporânea, ampliando a compreensão sobre o potencial clínico da escrita. Mais do que propor uma técnica alternativa, busca-se evidenciar como, em diálogo com a literatura, a escrita pode funcionar como lastro e laço, sustentando processos de elaboração psíquica e oferecendo caminhos para pensar a clínica em sua pluralidade.



*a simbolização cria
um espaço intermediário
em que ausência
e presença se articulam*

Os caminhos da simbolização:
a escrita como lastro e laço

*Se não escrevo as coisas, elas não
encontram seu termo, são apenas
vividas.¹*

Os conceitos de símbolo e simbolização têm diversos direcionamentos, tanto no campo da filosofia quanto no da psicanálise. No entanto, na tradição psicanalítica, simbolizar não se reduz a uma simples representação ou equivalência entre um signo e um objeto. Para os fins deste artigo, conceitua-se que a simbolização se refere a um processo dinâmico, no qual algo que não pode ser plenamente capturado pela linguagem encontra, ainda assim, um modo de inscrição. Esse processo envolve tanto a constituição do sujeito quanto a possibilidade de dar forma a experiências que, sem esse trabalho simbólico, permaneceriam no registro do indizível. Mais do que designar uma tradução direta, a simbolização cria um espaço intermediário em que ausência e presença se articulam, permitindo que o sujeito elabore suas vivências psíquicas e estabeleça laços com o outro².

Levy³ pontua que o ser humano organiza seus sentimentos, desejos e pensamentos por meio de produções simbólicas como a linguagem, o mito, a religião, a arte, a ciência e a história. A capacidade de criar e transmitir símbolos, eixo comum a todas essas expressões, é o que diferencia o homem em relação a outros seres. Desde os primeiros estudos sobre a histeria, Freud compreendeu os sintomas como forma de simbolização, ampliando sua investigação para os sonhos, os rituais coletivos, os jogos infantis e o próprio dispositivo analítico, em que a transferência e a palavra operam como mediadores simbólicos⁴.

Assim como os sintomas, os sonhos e os rituais revelam diferentes vias de simbolização, também a escrita pode ser tida como um de seus operadores. Nas pinturas rupestres encontramos um dos primeiros testemunhos da escrita, compreendida como gesto inaugural de simbolização. Ao converter percepções e afetos em marcas gráficas duradouras, esse registro materializou a possibilidade humana de se afastar da experiência imediata, situar-se em relação a si e aos outros e inscrever no traço algo que ultrapassava o instante vivido⁵.

Goody⁶ evidencia a centralidade da escrita ao mostrar que sua introdução redefiniu a organização social, possibilitando a articulação, preservação e formalização de crenças e normas e a reflexão sistemática sobre o conhecimento. Para o autor, ela funciona como um fator decisivo que explicita o implícito e inaugura rupturas.

Temos, então, que ao longo do tempo a escrita se estabeleceu como um marco transformador, reorganizando as sociedades e ampliando as formas de transmissão cultural. Mais do que meio de comunicação ou simples registro, ela atravessa a história das culturas e a constituição subjetiva, funcionando como lastro ao oferecer consistência às experiências e memórias, e como laço ao criar vínculos que nos conectam ao passado e nos projetam em direção ao futuro. Nessa dupla função reside também sua potência clínica, que será explorada na seção seguinte como recurso de contenção e elaboração frente a estados de desorganização psíquica.

A escrita gradeando a loucura

*As palavras permitem todo
tipo de realidade.⁷*

Valemo-nos agora de uma licença poética para usar a palavra “loucura” na acepção cotidiana do termo, mais precisamente como um estado de existir que extravasa, que pode ser tido como fora de uma dita normalidade (*sic*). Tal uso se justifica na medida em que serão trazidos, neste tópico, dialogadores literários que, no universo de suas



fronteiras imprecisas com a razão, fizeram da escrita um testemunho e um dispositivo.

Nesse contexto, a escrita funciona como um tipo de gradeamento: não uma barreira que oculta ou aprisiona, mas uma estrutura que contém o transbordamento psíquico sem o silenciar por completo. Ela permite que o caos interno seja exposto, mas de forma articulada, dando contorno e visibilidade a aspectos que, de outra maneira, permaneceriam inacessíveis ou desorganizados. É um ato de desvelamento que se dá sob controle, permitindo que o sujeito se relacione com sua própria vivência – e, em alguns casos, com o outro – sem o alarde ou a desintegração total que a experiência excessiva poderia acarretar.

Para avançar nessa compreensão, propõe-se aqui o conceito autoral de gradeamento. É imperativo ressaltar, de antemão, que este termo não guarda qualquer relação com o conceito de *Grade* (*The Grid*) formulado por Bion⁸. A Grade bioniana constitui um instrumento epistemológico composto por eixos de coordenadas (eixo vertical, chamado de eixo genético, e eixo horizontal, chamado de eixo das utilizações) voltado para o analista, com a tarefa de registrar, categorizar enunciados e pensar a experiência emocional fora da sessão. O gradeamento proposto neste estudo, por outro lado, refere-se a um processo subjetivo e ativo do

*o gradeamento frequentemente
opera numa instância mais
limítrofe e anterior à exigência
do laço social valorizado*

próprio sujeito que escreve. Trata-se do movimento de forjar, através da escrita, uma malha estrutural capaz de suportar o seu transbordamento psíquico.

Tampouco o gradeamento deve ser confundido com a catarse. O conceito de catarse⁹, em sua matriz aristotélica retomada por Breuer e Freud no início da psicanálise, designa um método terapêutico focado na purgação e eliminação de afetos patogênicos, permitindo ao sujeito ab-reagir os acontecimentos traumáticos através da fala. O método catártico operava sob a lógica de fazer o elemento opressivo sair do sujeito, provocando um alívio. O gradeamento, em contrapartida, não atua como um mero “expurgo” ou descarga emocional desmedida para fora do aparelho psíquico. Ele não busca apenas esvaziar a tensão, mas sim fornecer um contorno a ela; é uma contenção que permite ao sujeito estruturar, olhar e conviver com o seu próprio caos interno, dando-lhe uma forma articulada.

Por fim, faz-se necessário distinguir o gradeamento do mecanismo da sublimação. Na metapsicologia freudiana¹⁰, a sublimação caracteriza-se pelo desvio das metas sexuais da pulsão para novos alvos não sexuais, atrelando-se frequentemente à produção de objetos socialmente valorizados e bens culturais. Embora a escrita possa, em muitos casos, alcançar o estatuto sublimatório, o gradeamento frequentemente opera numa instância mais limítrofe e anterior à exigência do laço social valorizado. Para os sujeitos em estados de desorganização psíquica, a escrita atua primordialmente como lastro de sobrevivência e estruturação do eu; uma grade que impede a dissolução total, operando a serviço da contenção da dor e da própria existência, independentemente do valor estético, cultural ou social que essa produção venha a adquirir no mundo externo.

1 A. Ernaux, *O jovem*.

2 R. Levy, *A simbolização na psicanálise: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise*; J. Laplanche, *Vocabulário da psicanálise*; E. Smadja; M. Bernard, “Sobre simbolismo e simbolização: a obra de Freud, Durkheim e Mauss”, *Ide* n. 73, p. 108-120.

3 R. Levy, *op. cit.*

4 E. Smadja; M. Bernard, *op. cit.*

5 I. Gerber, *Inconsciente, nuvem infinita*.

6 J. Goody, *La lógica de la escritura y la organización de la sociedad*.

7 C. Madeira, *Véspera*, p. 272.

8 W.R. Bion, *Two papers: The grid and Caesura*.

9 E. Roudinesco, *Dicionário de psicanálise*.

10 J.M. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887–1904*; S. Freud, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in *Obras completas*, v. 6; “As pulsões e seus destinos”, in *Obras incompletas de Sigmund Freud*, v. 2; “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”, in *Arte, literatura e os artistas*, v. 3; “Introdução ao narcisismo”, in *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; “Além do princípio de prazer”, in *Além do princípio de prazer*; “O eu e o id”, in *Obras completas*, v. 16: *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*.



*na cultura greco-romana,
escrever era um exercício central
no “treino de si” para a arte
de viver (technē tou biou)*

Nosso foco recairá sobre a escrita de si, especialmente na forma do diário, por entendermos que ela oferece uma via de expressão mais acessível e imediata do que outros gêneros literários. Optamos por incluir citações diretas, pois nesses relatos pessoais a força expressiva e singularidade residem na voz original do autor e acreditamos que a fidelidade à integralidade desses trechos permite ao leitor um contato mais direto com a subjetividade do autor.

Para compreender a dimensão histórica e filosófica da escrita na constituição do sujeito, é pertinente recorrer a Foucault¹¹, que em “A escrita de si” descreve como, na cultura greco-romana, escrever era um exercício central no “treino de si” para a arte de viver (*technē tou biou*). Entre as práticas destacadas, figuram os *hypomnēmata* – cadernos de notas e fragmentos de leituras que funcionavam como memória material para reflexão e reapropriação do já-dito – e a correspondência, em que a carta operava tanto sobre quem escrevia quanto sobre quem a recebia, instaurando um espaço de exposição e de abertura de si ao outro. Nesse sentido, mesmo aquilo que parece ser um gesto íntimo revela-se atravessado por alteridade, algo que se aproxima da própria lógica transferencial.

Nesse cenário das práticas de si, o diário surge como uma modalidade particular de escrita, configura-se como um espaço de escritura íntima e uma forma de autobiografia. Uma característica diferencial do diário é seu tom confessional, narrar a si mesmo passará necessariamente por se confessar para um outro (mesmo que seja para o “meu querido diário”), no sentido de tornar a realidade do que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos como produção de verdade¹².

Como observa Foucault¹³, até mesmo o eremita recorria à escrita como companhia, uma

presença simbólica capaz de sustentar o isolamento. Essa dimensão permanece atual: seja no exercício ascético ou na experiência cotidiana, a escrita se apresenta como companheira e estrutura de apoio, permitindo ao sujeito olhar para si mesmo de modo mediado, sem se perder no puro fluxo do indizível.

Retomando o conceito que propomos da escrita gradeando a loucura, sobretudo o diário por seu caráter confessional opera como uma ferramenta que permite ao sujeito confrontar e, poeticamente, dar forma ao seu mundo interno. A confissão, ao exigir a verbalização do indizível, transcende a mera revelação: ela age como um gradeamento do sofrimento psíquico intenso, oferecendo uma estrutura sutil para o extravasamento daquela experiência. Através dessa “fala de si a um outro” – seja esse “outro” o próprio diário como confidente silencioso ou uma figura imaginária – o sujeito comum pode transformar suas experiências em história. Mais do que isso, a escrita em um diário pode, portanto, ter o poder de deixar emergir em letras o que a fala ainda não consegue articular, aproximando-se do que Freud¹⁴ preconizou sobre os romancistas que, ao escrever, dão livre vazão ao seu inconsciente transpondo qualquer crítica consciente.

A possibilidade de revisitar esse escrito ou de tê-lo como material de trabalho para a análise – um tema que será aprofundado no próximo tópico sobre a escrita como recurso clínico – pode ser deveras enriquecedor para o sujeito. Franz Kafka¹⁵, em seu próprio diário, oferece uma perspicaz elucubração:

Uma das vantagens de manter um diário consiste no fato de a pessoa se tornar consciente, com clareza tranquilizadora, das mudanças a que está constantemente sujeita, nas quais, é claro, em geral também acredita, das quais suspeita e que admite, mas que então sempre nega de modo inconsciente quando se trata de extrair esperança ou tranquilidade de tal admissão. No diário a pessoa encontra provas de que viveu, olhou em volta e anotou observações mesmo em situações que hoje parecem intoleráveis, ou seja, provas de que esta mão direita

se moveu como hoje, quando, é verdade, estamos mais prudentes graças à possibilidade de abarcar a situação de então, mas, por isso, temos de reconhecer tanto mais o destemor de nossas aspirações de então, que, não obstante, se conservaram em meio à pura insciência.

O fragmento de Kafka ilustra uma função retroativa da escrita: ao registrar e revisitar situações antes intoleráveis, ele encontra provas de que viveu e reconfigura sua experiência em outra chave. Tal movimento converge com o que Levy¹⁶ descreve ao afirmar que o passado pode ser ressignificado e reinscrito, de modo que o mesmo sujeito, em outro momento, atribui novos sentidos à sua história. Trata-se, em termos freudianos, do *après-coup* (*Nachträglichkeit*), pelo qual acontecimentos posteriores remodelam retroativamente o significado do que foi vivido, revelando a escrita como lugar privilegiado desse trabalho de simbolização.

Sousa¹⁷ lembra que toda obra carrega uma rasura: aquilo que escapa entre a intenção do autor e o resultado escrito, uma sobra que revela mais do que se quis dizer. É nesse interstício que se situam as produções de Lima Barreto, Maura Lopes Cançado e Alejandra Pizarnik, cuja escrita se tornou, antes de tudo, uma forma de existir e de atravessar a própria condição. Não por acaso, os três conheceram a experiência da internação psiquiátrica, circunstância que acentua a tensão entre transbordamento e elaboração. Eles registraram nos diários tanto o olhar sobre os outros quanto a descida às profundezas

»
cada obra carrega

uma rasura: aquilo que escapa

entre a intenção do autor

e o resultado escrito

do próprio inconsciente, transformando a vivência em matéria literária. Assim, a escrita desses autores não apenas descreve, mas organiza e dá forma ao excesso, cumprindo a função de simbolização que aqui denominamos de *gradeamento*.

A escrita de Lima Barreto durante seus períodos de internação psiquiátrica é analisada por Camargo¹⁸, que assinala que, desde os primeiros dias, Barreto se mostrava disposto a narrar o que estava vivendo, o que parecia ser algo mais do que um ato sublimatório. Camargo descreve a escrita desse período como um desabafo direto, sem mediações estético-formais, no qual a realidade se apresentava por inteira a Barreto, diante da situação insuportável que ele vivia.

Percebe-se no diário uma ânsia de Barreto por se compreender, por investigar os recônditos daquilo que o aprisiona.

No começo, eu gritava, gesticulava, insultava, descompunha; dessa forma, vi-as familiarmente, como a coisa mais natural deste mundo. Só a minha agitação, uma frase ou outra desconexa, um gesto sem explicação denunciavam que eu não estava na minha razão.

O que há em mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá?¹⁹

Outro trecho que merece destaque e que nos permite traçar um paralelo com um excerto freudiano é aquele em que Barreto registra:

Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: "Suicidou-se no Pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja um dia tão belo como o de hoje".

Não me animo a dizer: venceste, Galileu; mas, ao morrer, quero com um sol belo, de um belo dia de verão!²⁰

11 M. Foucault, "A escrita de si", in *Ética, sexualidade, política*.

12 N.L. Lima, *A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance*.

13 M. Foucault, *op. cit.*

14 S. Freud, "O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen", in *Obras completas*, v. 8: *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (1906-1909).

15 F. Kafka, *Diários 1909-1912*, p. 256-257.

16 R. Levy, *op. cit.*

17 E.L.A. Sousa, "Posfácio: Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud", in S. Freud, *Arte, literatura e os artistas*.

18 S. Camargo, "Lima Barreto, o hospício e a loucura como lugar de fala", *Revista Mosaico*, n. 14, p. 27-38.

19 L. Barreto, *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 53.

20 L. Barreto, *op. cit.*, p. 68.



*ao tangenciar o suicídio
e inscrevê-lo na escrita, Barreto
se manteve à distância
da passagem ao ato*

Essa reflexão de Barreto sobre o suicídio, e sua aproximação com a ideia de uma morte bela, evoca como a escrita pode processar experiências dolorosas, tal como analisado por Freud. Em breve trecho de um manuscrito enviado a Fliess, Freud²¹ reflete que Goethe reuniu em seu livro *Os sofrimentos do jovem Werther* sua experiência e pôde elaborar sua vivência, protegendo-se:

Ele brinca, provavelmente, com o propósito de se matar, encontrando nisso [no destino do amigo] um ponto de contato, se identificando com Jerusalem, de quem ele empresta o tema da história de amor [do Werther]. Por meio dessa fantasia, ele se protege contra as consequências de sua vivência [o amor impossível por Charlotte].

Chaves²² aduz que “É como se Freud quisesse nos dizer que Goethe, ao escrever o romance, se salvou”. De modo análogo, podemos considerar que, ao tangenciar o suicídio e inscrevê-lo na escrita, Barreto se manteve à distância da passagem ao ato, encontrando no gesto de narrar um modo de simbolização do sofrimento.

Na mesma direção de observador e auto-observado, a escrita de Maura Lopes Cançado revela-se um instrumento poderoso. Monteiro e Mendes²³ ressaltam que sua produção literária não apenas permitia reavaliar o conceito social de loucura, mas também oferecia uma nova perspectiva sobre a experiência da insanidade. Imersa em um ambiente onde razão e desrazão estavam em constante embate, Cançado encontrou na escrita um meio de dar forma ao excesso e de sondar as próprias ambiguidades.

Essa dimensão aparece de modo contundente quando a autora registra:

Mas estou quase sempre entregue a perturbações psíquicas. É neste brinquedo de ser louca que se exaurem minhas energias. Se escrevesse com a sofreguidão com que tomo consciência de súbito de estar viva, jovem, bonita – feliz. E muito infeliz. Mesmo agora poderia dar início a um tratado de felicidade, infelicidade, beleza ou loucura. Mas cansei-me, vou me deitar depressa antes que o mundo se desmorone sobre meu corpo cheio de silêncio. Ainda é dia para todo mundo. Para mim é nada. A noite estarei desperta e angustiada, esperando inútil pelo dia que será igual a este, e desnecessário para minha angústia.²⁴

Aqui a escrita se mostra como um gesto que captura o vaivém entre vitalidade e exaustão, entre o dia que nada significa e a noite angustiante que se repete. O diário funciona como contenção mínima desse fluxo, como uma superfície onde a oscilação encontra contorno.

Em outro momento, porém, sua voz assume uma inflexão distinta, mais próxima da busca de permanência:

Meu reino não é deste mundo, pareço dizer-me quando tudo se mostra demais difícil e insuportável. Então tudo termina a um gesto íntimo meu. Se me lerem algum dia sentirão talvez pena. Desnecessário, afirmo: jamais fui atingida em minha essência. Sou muito mais que o que me cerca. Sou deveras mais do que tudo que me foi dado conhecer e desprezar. Ando quase sempre à procura da minha dimensão humana. Busco-a no mais profundo de mim, no mais exterior de mim, no reflexo da minha alma nos outros. Não encontro, as almas são opacas e estúpidas demais para refletirem minha tranquilidade.²⁵

Se no primeiro excerto a escrita é o registro do desmoronamento iminente, aqui ela se afirma como lastro: um modo de preservar algo de si que não pode ser anulado pela experiência dolorosa. Assim, Cançado exemplifica o duplo movimento da escrita: tanto como contenção do excesso quanto como afirmação de uma essência que resiste.

Para finalizar o percurso pela escrita diarística, trazemos a obra da argentina Alejandra Pizarnik, cuja vida e literatura se entrelaçam de



a escrita
ocupa um lugar
central na obra de
Arthur Bispo do Rosário

forma a revelar a potência simbólica do gesto de escrever, capaz de manter o sujeito suspenso no limite entre o viver e o sucumbir. Como observa Siqueira²⁶, em seus diários a autora deixa evidente que escrever não era apenas ofício, mas condição para viver. Dessa forma, Pizarnik encarna de modo extremo a impossibilidade de separar biografia, ficção e criação poética: a vida literária aparece como espaço ao mesmo tempo vital e sinistro, sustentação e abismo. Nessa experiência limítrofe, a escrita funcionou como companhia e como dispositivo de contenção, um modo de dar forma ao excesso e ao sofrimento, operando como gradeamento daquilo que, de outro modo, poderia se dissolver no indizível.

Essa centralidade pode ser percebida em diversos trechos de seus diários, nos quais a escrita aparece explicitamente como condição de sobrevivência. Destacamos alguns (tradução livre):

Um calor longitudinal e fatigante embala meu corpo sepulto nos edredons volumosos. O sono cai misteriosamente sobre meu corpo e o toma suavemente. Aqui, entre o cansaço e a fumaça, entre o Medo e as ânsias imortais, digo a mim mesma: devo escrever ou morrer. Devo encher cadernos ou morrer.²⁷

Se não fosse por estas linhas, morro asfixiada.²⁸

Os dedos desceram até o local onde estava o coração. Asustou-se ao sentir aquele vibrar tão uniforme e tenso. Mais um segundo e iria vê-lo explodir, voar em mil pedaços, como um globo terrestre de borracha perfurado

por um espinho, esse mesmo globo terrestre que era sua abstração do mundo, de seu mundo que desapareceria com sua morte. Estava decidida a levá-la a cabo, mas havia um “porém” que rompia silenciosamente sua resolução. Contemplou a pena e a acariciou. Como uma flecha venenosa, um desejo a contaminou: escrever, escrever.²⁹

Até aqui, exploramos como as palavras permitem que autores organizem suas experiências internas através de narrativas que se fazem inteligíveis aos outros. Propomos que a escrita também pode cumprir uma função essencial, ainda que não se organize de forma linear ou narrativa.

Para ilustrar esse raciocínio, voltamos-nos à singular trajetória e obra de Arthur Bispo do Rosário, um artista cuja vida e produção se entrelaçaram de forma indissociável com a experiência do confinamento psiquiátrico. Sua jornada teve um ponto de virada decisivo em dezembro de 1938 com uma revelação mística.

Através de sua arte, Bispo do Rosário não apenas recriava algo a partir dos materiais e da realidade que lhe eram impostos, mas forjava uma linguagem própria que transcendia convenções artísticas e os limites de sua condição. Incumbido pelas vozes que ouvia, transmutava objetos cotidianos em composições singulares, elaborando um modo particular de ordenar o mundo. Poli e Mesquita³⁰ observam que esse processo de reelaboração, tanto de si mesmo quanto do ambiente ao redor, conferia estabilidade e sentido ao seu delírio.

A escrita ocupa um lugar central na obra de Arthur Bispo do Rosário, funcionando não apenas como linguagem, mas como gesto de ordenação e de existência. Suas palavras bordadas não seguem uma narrativa linear; antes, erigem

21 S. Freud, “Trecho do Manuscrito N, anexo à Carta a Fliess, de 31 de maio de 1897”, in *Arte, literatura e os artistas*, p. 43.

22 E. Chaves, “Prefácio: o paradigma estético de Freud”, in *Arte, literatura e os artistas*, p. 44.

23 A.N. Monteiro; A.M. Mendes, “A loucura na obra de Maura Lopes Cançado: Nas trilhas do internamento”, *Revista Landa*, v. 5, n. 2, p. 83-111.

24 M.L. Cançado, *Hospício é Deus Diário 1*, p. 199-200.

25 M.L. Cançado, *op. cit.*, p. 202.

26 N.B. de Siqueira, *Vida literária: O teor testemunhal nos diários de Alejandra Pizarnik*.

27 A. Pizarnik, *Diários*, p. 18.

28 A. Pizarnik, *op. cit.*, p. 116.

29 A. Pizarnik, *op. cit.*, p. 26.

30 M.C. Poli; D.B.G. Mesquita, “Arte & psicose: a obra de Arthur Bispo do Rosário”, *Psicologia: Ciência e Profissão*, n. 34, v. 3, p. 612-624.



*Freud já indicava a maleabilidade
necessária ao fazer psicanalítico,
dada a natureza fluida
de seu objeto de trabalho*

um universo singular, uma cartografia subjetiva e espiritual que traduz sua missão de representar o mundo para apresentá-lo a Deus no dia do juízo final, conforme seu delírio. Em uma de suas peças mais emblemáticas, lemos na base a frase: “Eu preciso destas palavras escrita”³¹. Essa declaração revela, de modo incisivo, a essência de sua criação e a necessidade da escrita como forma de estruturar o mundo interno.

Nessa inscrição bordada, vislumbra-se o lastro e o laço que definem a escrita: ela dá chão ao sujeito diante do delírio e, ao mesmo tempo, estabelece um elo com o outro e com o mundo.

A escrita como dispositivo clínico: algumas considerações

*Eu disse uma vez que escrever é uma
maldição. Não me lembro por que
exatamente eu o disse, e com sinceridade.
Hoje repito: é uma maldição, mas uma
maldição que salva.*³²

Vimos, nas seções anteriores, que a escrita estruturou a cultura e se consolidou como uma expressão da simbolização. Agora, cabe indicar como também foi basilar na fundação da psicanálise e como permanece um recurso clínico possível.

Se a escrita se apresenta como vetor de organização social e de produção de saber, sua proeminência se estende igualmente à tessitura da teoria psicanalítica. Freud recorreu diversas vezes à literatura como aporte primordial para a criação de seus conceitos.

A literatura, ao explorar a complexidade da condição humana, emerge como um saber ancestral que não apenas precede a psicanálise, mas pavimentando o caminho para sua constituição. Como

observa Teixeira³³, desde o nascimento da psicanálise a proximidade entre os dois campos é notável, uma vez que temas como desejo, sonho, incesto, prazer e transgressão já se encontravam no espaço literário.

Freud via os escritores como interlocutores privilegiados, verdadeiros “faróis”, nas palavras de Sousa³⁴, cujas obras indicavam desvios e aberturas para a travessia analítica.

Mas a centralidade da escrita não se restringiu ao contato com a literatura: ela marcou de forma decisiva a própria constituição da psicanálise. Estima-se que Freud tenha produzido entre 15 e 20 mil cartas, sendo essa intensa correspondência um dos lugares onde a psicanálise se desenhou.

Sua célebre autoanálise ocorreu por meio de cartas enviadas a Wilhelm Fliess e, conforme destaca Trachtenberg³⁵, mesmo sendo chamada “autoanálise” nunca prescindiu da presença de um outro, pois a missiva já trazia o destinatário como figura transferencial. O que vai ao encontro do proposto por Foucault ao salientar o papel que o destinatário exerce na troca de correspondências.

Roudinesco³⁶ sublinha que esse momento decisivo da autoanálise freudiana não se deu primariamente pela fala, mas pela escrita – um dado que confere à escrita uma função elementar na gênese da psicanálise.

Logo, a psicanálise que nos chega até o momento foi construída, em grande medida, nos vários escritores em Freud e na própria escrita de Freud. A partir dessa herança, compreende-se que ele concebia o ofício analítico como uma prática que não pode ser rigidamente fixada, mas que demanda abertura e plasticidade diante da matéria psíquica com a qual lida.

Freud já indicava a maleabilidade necessária ao fazer psicanalítico, dada a natureza fluida de seu objeto de trabalho. Ele compara essa dinâmica à diferença que um artista sente ao trabalhar com materiais distintos, afirmando: “É como a diferença que o artista plástico deve sentir quando trabalha com a pedra dura e a argila maleável [...] temos a impressão de que não trabalhamos com argila, mas que escrevemos sobre a água”³⁷.



*A escrita não deve
ser vista como um dever
de casa ou uma atividade
escolar compulsória*

A partir desse entendimento freudiano sobre a fluidez da matéria psíquica, torna-se um preciosismo exagerado conceber uma clínica psicanalítica rigidamente delimitada a quatro paredes ou restrita aos moldes tradicionais de estrutura e ferramental da “cura pela fala”.

Pautados por um compromisso ético inegociável, e considerando a imensa variedade de “inconscientes” com os quais deparamos na prática clínica, é possível sustentar que alguns sujeitos poderiam se beneficiar de uma “cura pela escrita”.

O objetivo principal do presente trabalho é fomentar uma reflexão sobre o potencial da escrita como recurso clínico. A fim de estruturar essa elaboração, propomos definir o que a escrita não seria, para que, *a contrario sensu*, sua verdadeira função e escopo fiquem mais claros.

I. A escrita não se configura como uma “tarefa” na análise.

A escrita não deve ser vista como um dever de casa ou uma atividade escolar compulsória. Não se trata, portanto, de um dispositivo regimentar a ser imposto a todo e qualquer analisante. Podemos, entretanto, emprestar o termo “tarefa” de Pichon-Rivière³⁸ para pensar que a escrita pode funcionar a serviço da tarefa analítica, qual seja: “um fazer-se e um fazer dialético em direção a uma finalidade, é uma práxis e uma trajetória”. Então, a escrita poderia instrumentalizar a entrada em análise e a consequente mudança de posição subjetiva do sujeito.

Em termos pichonianos, estar em tarefa implica um movimento espiral do explícito ao implícito (ou, em termos freudianos, do consciente ao inconsciente). Esse movimento se efetiva por meio da superação dialética, em um processo contínuo de aprendizagem e comunicação entre sujeito e analista. A ideia seria então que o material escrito pelo analisante, ao ser levado e trabalhado na sessão, enriqueça e impulse a comunicação, contribuindo diretamente para os objetivos da análise.

II. A escrita não é uma substituição da análise.

A máxima da psicanálise como “cura pela fala” permanece como o corolário da técnica. A esse respeito, o psicanalista Serge André, em seu posfácio intitulado “A escrita começa onde a psicanálise termina”³⁹, introduz um ponto de tensão fundamental para essa discussão. Para o autor, a experiência da psicanálise e a da escrita não apenas divergem, mas chegam a se opor radicalmente: enquanto a psicanálise deseja “fazer falar”, a escrita procura “fazer calar”, consistindo em uma verdadeira insurreição contra o discurso e a linguagem. O ponto de encontro entre ambas, segundo André, reside justamente no furo do saber, na hiância do inconsciente e no “impossível-de-dizer”.

Se para Serge André a escrita marca o limite ininterpretável onde a psicanálise se encerra, propõe-se aqui tensionar essa divergência: no contexto do dispositivo clínico, o encontro com esse “impossível-de-dizer” não precisa ditar o fim absoluto do tratamento. Ao contrário, quando a fala esbarra no furo estrutural da simbolização, a escrita pode ser convocada não como uma substituição ou uma continuidade harmônica da análise,

31 A.B. Rosário, “[Eu preciso destas palavras escrita]”.

32 C. Lispector, *A descoberta do mundo*, p. 169.

33 L.C. Teixeira, “O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud”, *Psychê*, n. 16, p. 115-132.

34 E.L.A. Sousa, *op. cit.*

35 R. Trachtenberg, “As duas (auto?) análises do Dr. Sigmund Freud”, *Revista CEPdePA*, n. 23, p. 59-79.

36 E. Roudinesco, *Dicionário de psicanálise*.

37 S. Freud, “Construções na análise”, in *Fundamentos da clínica psicanalítica*, p. 347.

38 E. Pichon-Rivière, “Una teoría del abordaje de la prevención en el ámbito del grupo familiar”, in *El proceso grupal. Del psicoanálisis a la psicología social I*, p. 189.

39 S. André, “A escrita começa onde a psicanálise termina”, *Laerte de Paula*. Disponível em: <<https://www.laertedepaula.com.br/la-escrita-comeca-onde-a-psicanalise-termina-serge-andre/>>.



*lançamos mão do conceito
de “objeto mediador”,
comumente empregado
na psicanálise vincular*

mas como uma outra via de contorno. Ela fabrica uma superfície externa onde o indizível ganha figuração e materialidade. Nesse sentido, ao invés de selar o fim da comunicação, essa escrita pode ser subvertida e acolhida como um objeto mediador, operando no limite entre elaboração e criação para, em um segundo tempo, retornar ao campo da transferência e relançar o trabalho analítico.

É crucial lembrar que a primazia da fala depende da presença da regra da associação livre. Entretanto, alguns analisantes demonstram dificuldades e limites na associação livre. Se a tarefa do analista é reconstruir o esquecido⁴⁰, a dependência exclusiva da fala pode, em certos casos, não ser suficiente para o êxito terapêutico.

Nessa conjuntura, lançamos mão do conceito de “objeto mediador”, comumente empregado na psicanálise vincular. Tais objetos são particularmente utilizados em dinâmicas grupais e revelam-se promissores no tratamento de situações que se encontram no limite da subjetividade, especialmente quando vivências traumáticas debilitam a capacidade associativa do paciente.

Junqueira⁴¹ aponta que o conceito de objeto mediador decorre do construto de “meio maleável”, de Marion Milner, definido como uma substância concreta e intermediária através da qual as impressões são transferidas aos sentidos. Junqueira ressalta que, ao se atentar à palavra “mediador”, compreende-se que o objeto nunca é mediador em si mesmo; ele se insere na relação entre duas ou mais partes e depende das simbolizações produzidas nesse intercâmbio. Pode-se afirmar, portanto, que o objeto mediador se submete à associatividade e à transferência.

Embora muitos objetos mediadores envolvam linguagens não verbais (como pintura e fotografia),

a escrita se destaca por sua elaboração simbólica e capacidade de articulação conceitual, situando-se em um patamar diferenciado.

Nascimento⁴², ao relatar sua experiência com a aplicação da escrita como objeto mediador em um grupo de adictos, teoriza, com base em Anne Brun, que a escrita:

serviria de suporte fundamentalmente ao trabalho de metaforização dos registros do corpo e do ato, a partir da mobilização, mediada pelas transferências grupais, de experiências sensorio-motoras-perceptivas não simbolizadas, guardando-se a especificidade de cada contexto clínico.

É plenamente factível, portanto, transpor para a clínica individual as funções da escrita indicadas por Nascimento no contexto grupal.

A pertinência desse recurso não soa apenas como uma formulação teórica, mas ecoa de uma constatação prática e anterior à minha própria escuta clínica. Antes de ocupar o lugar de analista, a vivência de muitos anos no divã como analisanda revelou-me, de maneira empírica, a força da escrita. O registro assíduo de diários, a anotação de sonhos (frequentemente acompanhada de tentativas de elaboração) e a composição de poemas sempre se fizeram presentes como um recurso auxiliar íntimo e indispensável no meu próprio percurso de simbolização. Essa intimidade precoce com a palavra escrita como via de contorno e elaboração pavimentou o modo como passei a concebê-la na escuta do outro.

Essa dimensão da escrita se materializou de forma contundente durante um atendimento realizado no contexto de uma clínica-escola, o qual conduzi em dupla terapêutica. Uma paciente de 25 anos – a quem chamaremos aqui de Helena, a fim de preservar o seu sigilo – chegou à análise imersa em profunda angústia devido a impasses e distanciamentos na relação com o pai. Em determinado momento do tratamento, o sofrimento se intensificou: ela relatava o desejo latente de expressar a ele suas mágoas, o ressentimento por se sentir preterida em relação ao irmão e à madrastra



*a escrita firma-se
como um valioso
objeto mediador na
experiência psicanalítica*

e sua visão de como gostaria que a relação ideal entre eles ocorresse. Contudo, via-se paralisada, sem coragem de confrontá-lo pela via da fala direta, esbarrando em um muro de não ditos que a desestruturava.

Foi diante desse esgotamento, em que a palavra falada travou frente à angústia, que o recurso da escrita emergiu no setting. A partir da escuta conjunta da dupla de atendimento, foi proposto à paciente um exercício: que escrevesse uma carta ao pai contendo tudo o que gostaria de dizer, mas sob a premissa fundamental de que essa carta não precisaria ser entregue. O objetivo era claro: utilizar a escrita para expressar o que não estava conseguindo escoar através da fala. Nesse contexto, a carta não enviada operou exatamente como o objeto mediador e o gradeamento aqui teorizados: ao saber que não haveria um destinatário real para ler e julgar suas palavras, a escrita forneceu uma superfície externa e segura para o seu transbordamento. Ela ofereceu a borda necessária para que a paciente pudesse dar contorno ao indizível, desobstruindo o afeto para que, num segundo momento, esse material pudesse retornar ao espaço analítico e relançar o trabalho de simbolização.

Assim, a escrita, longe de ser uma tarefa compulsória ou mera substituição da análise verbal, firma-se como um valioso objeto mediador na experiência psicanalítica.

Como discutido, a escrita pode assumir diversos formatos, como anotações, correspondências ou diários, e a escolha do mais adequado dependerá dos objetivos terapêuticos delineados pelo analista. Independentemente do formato,

o ato de escrever e dar forma a qualquer afeto ou pensamento já se constitui como uma mobilização e um processo de criação para o analisante. Não é necessário atribuir-lhe valor estético ou artístico para reconhecer que a escrita pode representar um espaço de brincar, dimensão que, como lembra Winnicott⁴³, é essencial também no adulto em análise.

Atravessando os diferentes registros analisados – da cultura à clínica, da literatura à experiência psicanalítica – vimos que a escrita opera como um dos lugares privilegiados da simbolização. Ela pode ser compreendida, a um só tempo, como lastro, oferecendo consistência às experiências e às memórias; e como laço, permitindo que o sujeito se conecte ao outro e reinscreva seu passado. Se, em certos momentos, a escrita funciona como gradeamento, conferindo contorno ao excesso e à dor, em outros ela se apresenta como dispositivo clínico, sustentando a tarefa analítica e abrindo espaço para a elaboração do indizível. Nesse trânsito entre cultura, subjetividade e clínica, a escrita se revela não apenas como instrumento auxiliar, mas como uma via potencial para lidar com o impossível do inconsciente – gesto simbólico que, ao inscrever o que escapa, torna-se condição de existência e de criação.

⁴⁰ S. Freud, *op. cit.*

⁴¹ C. Junqueira, “Seriam os objetos mediadores capazes de burlar o trabalho do negativo presente no funcionamento psíquico dos pacientes-limite?”, *Blog do Departamento de Psicanálise*. Disponível em: <<https://deptodepsicanalise.blogspot.com/2018/06/seriam-os-objetos-mediadores-capazes-de.html>>.

⁴² G.C.G. Nascimento, “A experiência escrita: as potencialidades da escrita em grupo na clínica das drogadições”, *Vínculo*, v. 18, n. 2, p. 207-227.

⁴³ D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade*.

Referências bibliográficas

- André S. (2025). A escrita começa onde a psicanálise termina. Trad. L. de Paula. In *Laerte de Paula*. Disponível em: <<https://www.laertedepaula.com.br/1/a-escrita-comeca-onde-a-psicanalise-termina-serge-andre/>>. Acesso em: 12 abr. 2026.
- Barreto L. (2017). *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bion W.R. (1977). *Two papers: the grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Camargo S. (2021). Lima Barreto, o hospício e a loucura como lugar de fala. *Revista Mosaico*, v. 14, p. 27-38.
- Cançado M.L. (2024). *Hospício é Deus Diário 1*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chaves E. (2015). Prefácio: O paradigma estético de Freud. In S. Freud, *Arte, literatura e os artistas*. Trad. E. Chaves. Belo Horizonte: Autêntica.
- Ernaux A. (2022). *O jovem*. Trad. M. Garcia. São Paulo: Fósforo.
- Foucault M. (1983/2004). A escrita de si. Trad. E. Monteiro; I.A.D. Barbosa. In M. Foucault, *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freud S. (1920/2020). Além do princípio de prazer. In *Além do princípio de prazer*. Trad. M.R.S. Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (1915/2021). As pulsões e seus destinos. In *Obras incompletas de Sigmund Freud*, v. 2. Trad. P. H. Tavares. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (1937/2017). Construções na análise. In *Fundamentos da clínica psicanalítica*, v. 6. Trad. C. Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (1914/2010). Introdução ao narcisismo. In *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1907/2015a). O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. In *Obras completas*, v. 8: *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*.
- _____. (1923/2011). O eu e o id. In *Obras completas*, v. 16: *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2015b). Trecho do Manuscrito N, anexo à Carta a Fliess, de 31 de maio de 1897. In *Arte, literatura e os artistas*. Trad. E. Chaves. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas*, v. 6. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1910/2024). Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In *Arte, literatura e os artistas*, v. 3. Trad. E. Chaves. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gerber I. (2023). *Inconsciente, nuvem infinita*. São Paulo: Blucher. (Coleção Escrita psicanalítica).
- Goody J. (1990). *La lógica de la escritura y la organización de la sociedad*. Madrid: Alianza.
- Junqueira C. (2018, 15 de junho). Seriam os objetos mediadores capazes de burlar o trabalho do negativo presente no funcionamento psíquico dos pacientes-limite? *Blog do Departamento de Psicanálise*. Disponível em: <<https://deptodepsicanalise.blogspot.com/2018/06/seriam-os-objetos-mediadores-capazes-de.html>>. Acesso em: 12 abr. 2026.
- Kafka F. (2018). *Diários 1909-1912*. Trad.; Notas R. Zwick. Porto Alegre: L&PM.
- Laplanche J. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Trad. P. Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Levy R. (2022). *A simbolização na psicanálise: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Lima N. L. (2009). *A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance*. Tese [doutorado], Universidade Federal de Minas Gerais. Repositório Institucional da UFMG.
- Lispector C. (2020). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Madeira C. (2024). *Véspera*. 18. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Masson J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago.
- Monteiro A.N.; Mendes A.M. (2017). A loucura na obra de Maura Lopes Cançado: nas trilhas do internamento. *Revista Landa*, v. 5, n. 2, p. 83-111.
- Nascimento G.C.G. (2021). A experiência escrita: As potencialidades da escrita em grupo na clínica das drogadições. *Vínculo*, v. 18, n. 2, p. 207-227.
- Pichon-Rivière E. (1970/1977). Una teoría del abordaje de la prevención en el ámbito del grupo familiar. In *El proceso grupal. Del psicoanálisis a la psicología social I*. Buenos Aires: Nueva Visión. p. 185-190.
- Pizarnik A. (2003). *Diários*. Barcelona: Lumen.
- Poli M.C.; Mesquita D.B.G. (2014). Arte & psicose: a obra de Arthur Bispo do Rosário. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 34, n. 3, p. 612-624.
- Rosário A.B. (s.d.). Obra Título atribuído: [Eu preciso destas palavras escrita], Documentação da obra de Arthur Bispo do Rosário, Museu Bispo do Rosário – Arte Contemporânea, Rio de Janeiro.
- Roudinesco E. (1944/1998). *Dicionário de psicanálise*. Trad. V. Ribeiro; L. Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar.
- Siqueira N.B. de. (2024). *Vida literária: O teor testemunhal nos diários de Alejandra Pizarnik*. Dissertação [mestrado], Universidade Federal de Alagoas. Repositório Institucional da Universidade Federal de Alagoas.
- Smadja E.; Bernard M. (2022). Sobre simbolismo e simbolização: a obra de Freud, Durkheim e Mauss. *Ide*, v. 44, n. 73, p. 108-120.
- Sousa E.L.A. (2015). Posfácio: Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. In S. Freud, *Arte, literatura e os artistas*. Trad. E. Chaves. Belo Horizonte: Autêntica.
- Teixeira L.C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, v. 9, n. 16, p. 115-132.
- Trachtenberg R. (2016). As duas (auto?) análises do Dr. Sigmund Freud. *Revista CEPdEPA*, v. 23, p. 59-79.
- Winnicott D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Writing and psychic experience: symbolization, containment, and clinic

Abstract This article explores writing as a psychic experience and clinical device, linking it to the issue of symbolization and non-symbolization. Three dimensions are explored: writing as a path of symbolization, as a means of containment in the face of excess – here understood as the “grating of madness” – and as a clinical object.

Keywords writing; symbolization; psychoanalysis; clinical device; literature.

Texto recebido: 10/2025

Aprovado: 02/2026